



AIC RADAR

**AIC COMPLETA 25 ANOS
COM UM LINDO BAILE DE
GALA NO VILLA RIZZA**

**CONCURSO FABIANO
DE CRISTO MELO**

Conheça as 10 crônicas
finalistas e seus autores

**TROFÉU
MULHER
2023**





AIC RADAR

Realização: Observatório do Texto

Diretora Geral: Raquel Verano

Textos: Shirley Pontes

Revisão: Aneris Alves

ISSN: 0104 -3986

PALAVRA DA PRESIDENTE

S H I R L E Y P O N T E S

A revista on line AIC RADAR - é a realização de um sonho institucional, que se tornou um objetivo de planejamento estratégico, e agora o vemos materializado!

Esta revista tem a vocação de divulgar as atividades realizadas pela AIC, entrevistas com personalidades, temas de interesse da comunidade, saúde, bem-estar e como um radar, captar e publicar tudo o que pode ser considerado cultural, com um colorido de variedades.

Neste primeiro número trazemos momentos marcantes do Prêmio Troféu Mulher 2023, que aconteceu na Embaixada da Argélia, e o Jubileu de Prata — uma comemoração com requinte — em uma solenidade que fez jus aos 25 anos completados.

O concurso literário é outro objetivo do planejamento que estamos alcançando.

Brindamos o nosso leitor com as 10 obras finalistas do concurso de Crônica Fabiano de Cristo Melo, que teve 83 inscritos.

A avaliação foi “às cegas”, feito por profissionais com formação literária e inequívoca competência, o que nos garante isenção e lisura para chegarmos aos finalistas e vencedores.

Aceitamos estar longe da almejada perfeição, contudo celebramos com entusiasmo este primeiro número, na certeza que os próximos serão muito melhores, pois somaremos ideias, escritores colaboradores, fatos interessantes que farão deste veículo de comunicação significativo e cada vez mais um aliado no cumprimento da missão da AIC.

Desejamos companhias nesta caminhada. Queremos estar perto de você!



Shirley Pontes
Presidente da AIC

JUBILEU DE PRATA



**ACADEMIA INTERNACIONAL
DE CULTURA - AIC
CELEBRA O
JUBILEU DE PRATA**

EVENTO CONTOU COM A OUTORGA DO MÉRITO JUBILEU DE PRATA E A POSSE DE NOVOS ACADÊMICOS, NA PRESENÇA DE REPRESENTANTES DE DIVERSOS PAÍSES



O espaço Villa Rizza foi palco da comemoração do Jubileu de Prata da Academia Internacional de Cultura, no dia 23 de junho de 2023, reunindo representantes de dez embaixadas, acadêmicos, familiares e amigos da AIC, que é uma instituição sem fins lucrativos, que congrega membros das áreas de literatura, artes, música, filosofia e ciências, que promove o intercâmbio cultural, de forma nacional e internacional, com vistas à união entre os povos.

O Mérito Jubileu de Prata foi entregue a seis pessoas que se dedicaram, nos últimos 25 anos, ao desenvolvimento da Academia Internacional de Cultura: Lourdes Fonseca, Meireluce Fernandes, Nazareth Tunholi, Sebastião Gomes, Sonia Takano e a

atual presidente da AIC, Shirley Pontes. “Com este evento, valorizamos a história da AIC e todos os membros que colaboraram com esta trajetória, assim como procuramos agregar o grupo de acadêmicos atuantes, para que a instituição possa continuar a crescer e a cumprir sua missão”, ressalta Shirley.

A noite também foi de acolhimento de novos acadêmicos na instituição. Dentre os empossados estavam a cientista social Margot Queiroz, a consultora de imagem Marta Barbosa, a enóloga Rachel Nariyoshi, a psicóloga Shirin Vafaeian e o Grão Prior Franco Nicoletti.

Após a cerimônia, houve a apresentação “Violinos da Corte”, em roupas de época, cantando e tocando óperas

famosas. Em seguida, o grupo Yellow Band encantou com boleros clássicos, standards que marcaram época, MPB e pop rock, animando a noite até de madrugada.

Estiveram presentes ao evento autoridades internacionais como a rainha das Filipinas, Maria Amor Torres, o embaixador de Cameroun, Martin Mbeng, o embaixador da Irlanda, Sean Hoy, a embaixadora do Suriname, Angeladebie Ramkisoen, o embaixador da Noruega, Odd Magne Ruud, a embaixadora de Gana, Abena Busai, o embaixador de Omã, Talal Alrahbi, o embaixador do Kenya, Lamarron Kaanto, o embaixador da Argélia, Rachid Bladehane, e a embaixatriz do Cazaquistão, Gulnaziya Nussupova.



Ambiente festivo do salão Villa Rizza, ao som da Yellow band

Ilda Pelizo, grupo "Violinos da Corte" e Jane Godoy





*Embaixador de Cameroun
Martin Agbor Mbeng e a embaixatriz Laura Mbeng*



*Gulnaziya (Cazaquistão), Suhair Bataineh (Jordânia),
Shirley Pontes e Dilma Masadeh*



Drº Queiróz, Srª Nilza, a rainha das Filipinas Maria Amor Torres, o Grão Prior Franco Nicoletti e Shirin Vafaeian

Fatima Maffia, Ana Maria Castro, Cida Carvalho, Silvia Yano, Alice Cunha, Glaucia Machado, Valeska Cordeiro, Cleusa Dias, Andrea Divanda



Caroline Lobão, Henrique e Adilson Campante, com sua esposa Ester, Deyse e Thomás Pena

HOMENAGEADOS



Composição da mesa: Alsimar Mello, Nazareth Tunholi, Shirley Pontes, Ricardo Ferrer e Damiana Leoi



Alsimar entregando a homenagem à Meireluce Fernandes



Nazareth Tunholi com seu troféu



Amazildo de Medeiros e a homenageada Lourdes Fanseca



Damiana Leoi e a homenageada Shirley Pontes



*Tânia Gomes e o homenageado
Sebastião Gomes*



*Clotilde Chaparro entregando o
troféu para Sonia Takano*

NOVOS ACADÊMICOS



*A consultora de imagem Marta Barbosa, a enóloga
Rachel Nariyoshi, a cientista social Margot Queiroz,
o Grão Prior Franco Nicoletti e a a psicóloga Shirin
Vafaeian*



Shirin Vafaeian e Ricar do Ferrer



Marlenio e Margoht Queiroz



Aneris e Rachel Nariyoshi



Marli Vianna e Marta Barbosa



Quelvia e Franco Nicoletti



CONCURSO DE CRÔNICAS

FABIANO DE CRISTO MELO



Fabiano de Cristo Melo, piauiense residente em Brasília desde 1972 - cidade onde faleceu em 2020 - teve a sua formação lastreada em cursos de filosofia e direito, tendo exercido o magistério em aulas de português em sua terra natal, antes de ingressar, como concursado, no Banco do Brasil, onde fez carreira até se aposentar nos anos 2000, desempenhando funções administrativas na Presidência da República por cerca de vinte anos.

Fabiano de Cristo Melo, piauiense residente em Brasília desde 1972 – cidade onde faleceu em 2020 – teve a sua formação lastreada em cursos de filosofia e direito, tendo exercido o magistério em aulas de português em sua terra natal, antes de ingressar, como concursado, no Banco do Brasil, onde fez carreira até se aposentar nos anos 2000, desempenhando funções administrativas na Presidência da República por cerca de vinte anos.

Em paralelo, sempre teve uma especial dedicação à literatura, seja como leitor voraz de temas diversos, seja como, inicialmente, assíduo colunista em periódicos sediados no Piauí, avançando posteriormente à iniciativa de escrever a sua primeira obra literária (chamada 'Ponta de rama'), que tratou das memórias da saga de sua família, do ponto de vista pessoal, na condição de caçula de um numeroso clã de 14 filhos, daí a expressão empregada no título do livro.

Nessa toada, em anos seguintes, lançou outras quatro obras, que partiram de uma coletânea de interessantes crônicas que abordam aspectos cotidianos, familiares e sociais por ele vivenciado ('Minha Mãe Retirante'), passando por obras dedicadas a curiosidades sobre a nossa língua portuguesa, com seus aforismos e significados ('Logus-Nosso Pensamento' e 'Catando Letras'), além de uma dedicada e extensa pesquisa sobre os personagens que batizaram as ruas e avenidas de sua cidade de origem, denominada Piripiri, localidade onde nasceu em 1937 e a quem sempre devotou muito carinho e atenção nos seus textos e obras, com saborosas e preciosas histórias e "causos" sobre personagens e fatos, realizando um minucioso e bem organizado arquivo pessoal dessas passagens e experiências.

E merece, por fim, um registro sobre o intenso e zeloso trabalho fotográfico, iniciado como um hobby e que ganhou, com o passar do tempo, uma dimensão que documentou inúmeros momentos não só de sua vida pessoal e familiar, mas igualmente momentos das localidades onde residiu, que hoje integra o acervo do Museu que abriga documentos, fotos e objetos da história daquele município.

Os dez finalistas

CRÔNICA: A ROTA DA NOTA

Pegou a condução cedo, no bolso frouxo do feirante, a nota de cinquenta. Era tempo em que o dinheiro ainda circulava de mão em mão, sem cheiro de álcool gel.

A onça-pintada foi deixada na catraca, pra tristeza do cobrador, que perdeu todo o troco, e felicidade do feirante, que encheu o bolso de tartarugas-marinhas.

Não tardou a aparecer outro passageiro cara de pau, um tanto malvestido, mas ostentando uma garoupa. A felina seguiu com ele rumo à rodoviária, numa carteira de couro gasta, junto com algumas araras-vermelhas.

Estava faminto, o homem. Depois de um desjejum descomedido e de voltar pro bolso apenas umas poucas garças, lá se foi o pobre, feliz, de bucho cheio, lutar por mais um dia de sobrevivência na cidade grande.

A onça ficou trancafiada no caixa da pastelaria, por algumas horas. Talvez se o lobo- guará já estivesse solto no comércio, não teria esperado tanto. Mas quando chegou o fornecedor de queijos, ela saltou do cativeteiro para a pochete de zíper que o bonachão carregava sob a dobra da barriga.

O queijeiro tinha aquela mania nada higiênica de ir contando as cédulas, cuidando de separar uma a uma com o dedo úmido de saliva, repetidas

vezes, até se convencer de que não havia cometido erros. Só partiu para o próximo cliente, na cidade vizinha, depois de dar muitas lambidas na pintada.

A Panthera foi sacudindo no utilitário, resfriada pelo ar-condicionado, até o posto. Deu para o motorista completar o tanque com ela, salvando um mico-leão-dourado de resto – imagine a nostalgia!

Espremido no bolso do frentista, o bicho, sem demora, virou troco na bomba. Seu novo guardião era um caminhoneiro que seguiria para o pantanal mato-grossense.

A onça dormiu na boleia do caminhão velho por dias e noites, até a chegada à planície inundada.

No instante do crepúsculo, o caminhoneiro parou num ponto calmo da estrada, para apreciar a beleza daquele lugar único. Aproveitou para fazer uma breve contabilidade da viagem, que chegaria ao fim em poucos quilômetros.

Pousou os olhos sobre uma das notas. Algo lhe pareceu errado. Colocou-a contra a luz do farol. A visão estava turva, decerto pelo cansaço. Não via a linha escura da nota, nem o animal na parte clara, nada. Era falsa – concluiu, raivoso.

Sem se dar conta da emboscada, lançou a suposta farsante no brejo.

Era mesmo a hora de a onça beber água.

GILKA LOPES

*Sou apenas um pensamento, e ele é ave
migratória, veloz e sem fronteiras.
Sou servidora pública, mãe e agora me
descobrinho escritora.*



CRÔNICA: ÀS RELAÇÕES RASAS

Não era disso que sentia falta.

Há tempos a questão lhe rodava à cabeça. Diga-se, não era algo sobre o que refletia por horas a fio sentado à escrivaninha. Mais precisamente, era um sentimento que surgia entre atos de rotina, um amarrar de sapatos, um escovar de dentes – sempre um lampejo – uma imagem, um resto de frase, uma memória solta, nada mais que isso.

Agora, após o mais recente episódio em que experimentara tal fagulha, pousou a toalha sobre o cesto e, enfim, decidiu por dedicar-se a este difícil processo de transmitir um sentimento inconsciente e ainda inominado.

Meu Deus... como o primeiro homem conseguiu definir a angústia? Não, não, esse lampejo nada tem a ver com este, foco!

Às relações rasas...

Era isso! Na ausência de um conceito específico, eram estas as melhores palavras para ilustrar o devaneio que começava a ganhar forma.

Veja, a este sujeito não carecem os elementos característicos de uma vida estruturada: há um casamento, para o qual já se celebrou quase todas as bodas existentes, os filhos, os netos, (talvez também bisnetos a caminho), os amigos de décadas. Há, ainda, o prestígio entre os ex-colegas de profissão, a gratidão dos ex-alunos, o acúmulo de condições materiais, enfim, tudo o que envolve a rara conjunção gozada por aqueles poucos bem-sucedidos tanto no núcleo familiar quanto no profissional. Mas isso não importava. Como disse, não era disso que sentia falta.

Era, precisamente, do oposto.

Faltavam-lhe as relações sem profundidade alguma. O banal. Aquilo que, apesar de alguns possíveis desvios, levava do nada a lugar nenhum. A profundidade de um pires, tão utilizada para desqualificações, era o que, senão muito ansiava, ao menos muito (muito) lhe faltava.

Delineado o contorno da questão, surgiu-lhe, como ilustração repentina, o mercado. O que não daria por uma fila agora! Repare bem, este homem não se julga ser do tipo que anda a se derramar por aí. Mas, de súbito ciente do que sentia, brotava-lhe o saudosismo dos curtos diálogos com companhias incertas que, certamente, encontraria. O pitaco do futebol, as pragas de canto de boca, o comentário político vazio, as reclamações do preço, o truque da carne, a dica infalível.

E, percebendo-se saudoso desses aleatórios interlocutores rotativos, maior ainda lhe foi o arrebatamento ao pensar sobre aqueles que detinham posição fixa. O caixa, o açougueiro, a dona da banca de queijo. Todos esses personagens conectados por uma estranha intimidade, fruto de anos e anos de conversas perduradas por minutos ou segundos. O gracejo repetido, o pedido especial, o até semana que vem.

Despertou-se, então, para a falta que lhe faziam as reuniões com os clientes. Principalmente, o antes e o depois, esses hoje tão estimados momentos que, outrora, somente serviam para embalar um já não tão saboroso recheio de falas técnicas. Quem diria, do sanduíche, ansiava agora pelo gosto do pão! O arrastar dos cumprimentos e cordialidades. O resumo do fim de semana. O intercâmbio de anedotas. A piada fatal.

O cliente ligou ao advogado e perguntou:

“Dr., vamos tomar uma?” “De quem?”

Por Deus, não havia alma viva, num raio de quilômetros, à qual não tivesse contado tal gracejo! E, assinado o contrato, definida a estratégia e apertadas as mãos, restava sempre tempo para algo a mais ao pé da porta: os planos de viagem, as indicações de restaurante, os desabafos domésticos. Quantas confissões não foram arrancadas por uma boca bem fechada e dois ouvidos abertos!

Viu a si, de repente, acuado por uma vida em que a trivialidade não conseguia mais brecha. Os consultórios médicos, ambientes tão frequentados por seus contemporâneos, e cuja recepção é plateia perfeita para frivolidades, não eram opção, pois até a saúde lhe ia muito bem,

obrigado. A sagrada ida ao banco fora substituída pelos tais boletos eletrônicos. Mais confortáveis uma ova! Achavam, ainda, que lhe faziam um grande favor quando traziam as compras semanal sou prontificavam-se a repararos infindáveis problemas caseiros; no entanto, tudo isso somente lhe retirava a oportunidade de mergulhar no raso lago da vida social.

Mas hoje não!

Decidido, saiu do quarto nas pontas dos pés, driblou a empregada entretida pelo rádio, ignorou o saco marrom posto sobre a mesa, após a boina esquecida no gancho da parede, e escapou pela porta lateral da casa. Com ar revolucionário, dirigiu-se à padaria.

E pôde, no trajeto, regozijar-se com os bons dias ao carteiro, a troca de interjeições com o vizinho xará, os acenos de cabeça aos que passeavam com os cachorros. Adentrado o comércio, selecionava individualmente os pãezinhos mais tostados, quando uma voz ao lado se impôs à da televisão e falou:

Você sabe qual o problema desse país!?

Encontrou os olhos do homem e, notando o pires que jazia sobre a bancada, sorriu.

Gabriel Rodrigues Soares

"A profundidade de um pires, tão utilizada para desqualificações, era o que, senão muito ansiava, ao menos muito (muito) lhe faltava."



CRÔNICA: ADEUS, CIDADE PARQUE

Outro dia passava pelo Setor Policial e novamente vi aquela cena. Que triste lembrança! Dezenas, centenas de árvores marcadas e com os dias contados. As áreas verdes, os canteiros arborizados são um diferencial de Brasília, verdadeiro patrimônio.

Desde que me mudei para a cidade (lá se vão quase 20 anos) sempre me encantou o tom verdejante, além do horizonte livre. Da cinza e verticalizada São Paulo para a verde e bucólica capital federal.

Mas a cada ano, a cada novo governo, o verde cede lugar ao asfalto. Acompanhei várias ampliações de via: EPTG (Estrada Parque Taguatinga), EPAR (Estrada Parque Aeroporto) e o famigerado TTN - oficialmente, Trevo de Triagem Norte, que prefiro chamar de Terrível Trevo Norte.

As Estradas Parque vão se tornando meras estradas, sem os corredores de árvores frondosas para embelezar e dar sombra. O apetite voraz do automóvel por espaços devora áreas verdes. No Setor Policial as paineiras, também chamadas de barrigudas, com sua floração rosa vistosa são as principais vítimas.

A alguns quilômetros dali, mais perto do centro de Brasília, os tratores avançam em ritmo veloz. Os motoristas têm pressa, as autoridades têm pressa de entregar o viaduto do Sudoeste. A entrada do bairro - antes embelezada por ipês, jacarandás e outras árvores - ficou estéril. Do outro lado do futuro viaduto, mangueiras, palmeiras e pinheiros foram abaixo. Junto com as árvores se foram também as corujas, os quero- queros e pica-paus.

O totem eletrônico na entrada do Sudoeste marca 40 graus! O calor não dá trégua e a copa das árvores não existe mais. Pedestres e ciclistas passam em meio ao barro, suando. Alguns seres caminantes recorrem ao guarda-chuva para se protegerem do sol inclemente.

Outra cena chama atenção: a correria em meio aos carros velozes. Os trabalhadores que chegam de ônibus aguardam, atentos, a brecha entre os carros. Não há semáforos (nunca teve) e o jeito é correr. Correr pra não morrer é o lema.

O reconhecimento como Patrimônio Mundial da Humanidade veio pelos monumentos, pela arquitetura ímpar, e pelo conjunto da obra, que inclui a escala bucólica e as áreas verdes. Mas o verde se esvai diante da pressão do automóvel. A frota motorizada cresce e beira os 2 milhões. Onde acomodar tantos carros?

Nos anos 1960 a grande ativista Jane Jacobs já alertava para a ‘erosão das cidades pelos automóveis’ como garfadas. Inicialmente em pequenos nacos e depois em grandes porções.

Diversas cidades pelo mundo vêm se abrindo para as pessoas, com mais praças, parques, calçadas e ciclovias. Menos pistas e estacionamentos, menor velocidade e áreas em que o carro é proibido. Amsterdã, Barcelona, Copenhague e Nova York, entre outras cidades, vêm se transformando. Será que um dia Brasília adere a essa onda Cidades para Pessoas?

A Cidade Parque é também a Cidade do Automóvel. Que atributo vamos valorizar? Por enquanto o placar está bem favorável ao automóvel e a Cidade Parque se esvai a cada novo viaduto.

Uirá Felipe Lourenço

Ambientalista, usuário de bicicleta no dia a dia e criador do blog Brasília para Pessoas, gosta de fotografar a natureza e observar a mobilidade nas cidades.



CRÔNICA: CONVERSA COM JK E DONA SARAH

Nessas duas décadas como cidadão brasileiro, convivi, em algum momento, com governadores, deputados e senadores, mas não posso responder afirmativamente quando os amigos de fora indagam se já encontrei algum presidente da República. Natural que quem não viva em Brasília alimente essa utopia de que os moradores daqui encontrem chefes de Estado fazendo compras em algum supermercado ou mesmo caminhando no fim da tarde de um domingo na orla do Lago Paranoá, tal qual ocorre com grandes artistas da televisão que vivem no Rio de Janeiro. A gente sabe que não é o caso. Entretanto, cheguei bem perto do que talvez seja o maior dos estadistas, ao menos para a História de Brasília. Certa ocasião, eu tive a oportunidade de “conversar”, simbolicamente, com o ex-presidente Juscelino Kubitschek — e com sua primeira-dama, dona Sarah.

Embora seja imponente a imagem do ilustre casal sentado no banquinho em frente ao monumento erguido para homenageá-los, na minha mente, ela não se sobrepõe aos rostos dos atores José Wilker e Marília Pêra, intérpretes de Juscelino e Sarah na televisão. Sempre que penso nos personagens reais, é dos artistas que me lembro — pela admirável interpretação que deram aos personagens e, especialmente, pela catarse emblemática que vivi com ambos naquela noite gloriosa e cheia de pompas de dezembro de 2005, quando fui convidado para a festa de lançamento da minissérie global JK, realizada no Memorial JK.

Com Marília, minha história começou de forma desastrosa. Em meio à festa, caminhando distraído entre tantos convidados badalados, pisei o pé de alguém e me dei conta de que a vítima se tratava da grande dama da dramaturgia nacional, que estava ali, sentadinha, com o prato de comida apoiado sobre as pernas unidas, jantando sozinha em um cantinho afastado do movimento. Ela, ao notar meu constrangimento, foi extremamente gentil.

Ainda que altiva e dotada de uma elegância majestosa, "Dona Sarah" se manteve sentadinha em uma banquetta baixa, em uma genuína demonstração de desafetação. Ao cruzar o olhar com o desajeitado rapaz imberbe que a

tocou, soltou um singelo, quase inaudível: "Não se preocupe, querido. Acontece, viu?". A reação de Marília ornou com a forma como ela descreveu, em entrevista, a personagem que estava interpretando: "Dona Sarah me ensina a ser valiosa sendo humilde. Ela não aparecia muito, ficava mais na sombra, mas era forte e sabia se impor".

Com "JK", o encontro foi menos abrupto. Eu estava fumando em um refúgio externo, sozinho e deslocado daquela fauna artística celebrada, quando José Wilker chegou, embuído de simplicidade e discrição, sem nenhuma estirpe presidencial, um pouco tímido até para quem gozava o mais alto status daquela cerimônia. Ele ajeitou os óculos de armação colorida e me pediu que, por favor, lhe desse um cigarro. Já com o seu aceso, sentou-se ao meu lado e, com a fumaça escapando da boca, perguntou meu nome e quis saber se eu era de Brasília, se fazia parte da produção do evento. Respondi que vim de Minas, morando na capital do país há dois anos, e não estava a trabalho. O "presidente" suspirou, de certa forma aliviado, como quem se desmonta de uma indumentária bélica após uma vitória.

Sem saber que se tratasse de um jornalista — ainda que eu não estivesse ali nessa função —, o ator relaxou, após conceder tantas entrevistas em que respondia às mesmas perguntas. Num bate papo despretenso, ele me relatou que estava ansioso pela receptividade do povo brasileiro à sua interpretação do icônico JK e confessou-se um pouco inseguro, já que não fez laboratório para dar vida a uma figura tão mítica. Wilker contou que leu livros sobre o ex-presidente, mas, desde que soube do papel, tomou a decisão de não vir a Brasília — "para não me contagiar com a aura de encanto em torno da imagem do seu fundador" — e estava pela primeira vez no Memorial JK. Sobre o processo de composição para se assemelhar a Juscelino Kubistchek, o artista segredou: "Busquei inspiração no caráter e na emoção que seu nome envolve ainda hoje".

Para aquele jovem interiorano recém-chegado à capital da República, foi uma noite mágica. Ao retornar para casa, foi difícil pegar no sono. Era como se eu estivesse desembarcando de uma longa e deliciosa viagem no tempo, naqueles anos dourados em que uma nova cidade se erguia, repleta de expectativas, no centro árido do país.

Cerca de uma década depois, as mortes de José Wilker e Marília Pêra — separadas por alguns meses — me impactaram bastante. Para a dramaturgia, os dois grandiosos atores ocuparão um eterno patamar de autoridade e reverência. Mas eu defendo, aqui, que eles merecem também um lugarzinho sublime — em Brasília, ao lado de JK e Sarah, por que não? — para as suas estátuas também serem admiradas.

Patrick Selvatti

*Jornalista e escritor, mineiro de nascimento,
brasiliense por escolha.*



**CRÔNICA:
ESPERANÇA, SEJA BEM-VINDA**

Houve época em nossas vidas na qual acreditávamos em histórias de fadas e de tapetes mágicos. Depois, um pouco maiores, ainda ouvíamos lendas de fantasmas e de assombrações. Uma fase da infância em que as brincadeiras entre meninos e meninas eram simples folguedos, com a liberdade de jogar queimada, andar de bicicleta e descobrir a poesia e a ficção nos livros de literatura.

Havia também uma alegria pura nas escolas que nos ajudava a amar os mestres com a deferência e a disciplina aprendidas no dia a dia.

Dizem que quanto melhor o aluno, mais valoriza o ensino.

Ir à escola era prazeroso para a maioria das crianças do meu tempo.

Lembro-me de mestres rigorosos, mas também do carinho, da paciência e do amor colocados em doação, das palavras transformadas em luz.

Perguntadas sobre o que queriam ser quando crescessem, a resposta das meninas era quase unânime: “professora!”. Esse era o reflexo da admiração e do respeito pelos mestres.

O tempo passou e há muito a escola pública não é vista com os mesmos olhos de então, existindo até desrespeito e falta de confiança nessas instituições. Depois de vários atentados que aconteceram contra a vida de crianças, e em março deste ano o assassinato de uma professora por um adolescente acendeu um alerta de como conseguir que o ódio se desaloje do lugar que deveria ser o mais seguro de todos.

A professora Beth, depois de 44 anos de contribuição no Instituto Adolfo Lutz como técnica química, voltou a estudar e se formou em Biologia. Beth não havia completado nem dois meses de trabalho na Escola Thomazia Montoro quando foi esfaqueada pelas costas, por um aluno, na sala de aula.

Naquele dia houve uma tristeza e um desconsolo que nos uniu a todos os brasileiros. Havia uma escola silenciosamente triste. Suas portas e janelas ficaram fechadas. A alegria e o burburinho deram lugar ao desconsolo. O que poderia ser uma manhã alegre, normal, transformou-se em uma dolorosa página da história violenta que temos enfrentado nos últimos anos.

Orei em silêncio pela mestra, pois me senti como quem visita uma catedral vazia e, de repente, ouve um Canto Gregoriano ao fundo, o que me deixa prestes a desabar no oco da construção gótica. Sofri pela mestra assassinada, pela sua família e pelos professores de todo o mundo.

Alguém me disse que é preciso saber ouvir notícias ruins sem sofrer. “Elas passam!” Sim, passam depois de doer e doer, mexer com nossos ossos, deixar aceleradas as batidas do coração. Mas, devagar, volta ao ritmo normal. Assim como nos acostumamos com a escuridão ao anoitecer. E novo amanhecer vem. O tempo nos salva.

Fui professora um dia, talvez por isso senti as punhaladas em mim. A desesperança quis se instalar no meu peito naquele dia.

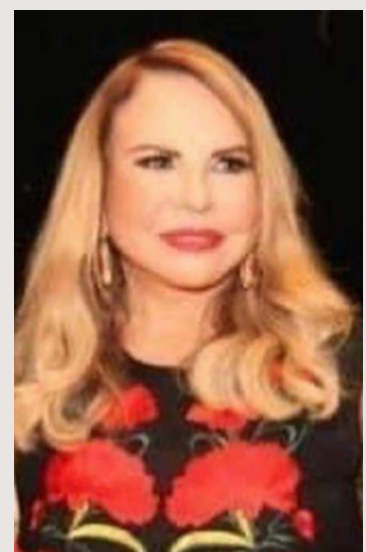
Sei que é preciso ser forte e não perder a fé na humanidade, pois ela é como o oceano. Só porque nele cai água suja de alguns rios, não quer dizer que esteja de todo contaminado.

Admiro aqueles que não se alteram com o êxtase da alegria, nem com a dor da morte, ou pelo menos mantêm a serenidade. Não tenho esse autocontrole. Mesmo assim sei que não podemos perder a ilusão de sonhar com um mundo melhor, mais justo e mais humano. O acreditar é uma fé desmedida, é a esperança renovada. Precisamos dela para atravessar momentos ruins. Sem a esperança, o capital da felicidade seria diminuto e limitado. Por isso, sonho com investimento maciço do governo no ensino público de todos os níveis e nas pesquisas, com escolas seguras, confortáveis e mestres valorizados.

Nesse contexto, repito o pensamento do educador Paulo Freire: É preciso ter esperança, mas do verbo esperar, não só de esperar.

Gracia Cantanhede

*Escrevo porque sou exagerada.
Os sentimentos não cabem em mim.
Então, as palavras explodem
como fogos de artifícios.
Se as fagulhas se juntam, é prosa;
se estão em forma de estrelinhas, poesias.*



CRÔNICA: FESTA JUNINA NO CLUBE NIPO

Foi em junho de 2004. Fazia cerca de sete meses que eu estava em Brasília e tudo ainda era muito novo para mim: L2, W3, Setor de Clubes, Setor Comercial, Setor Disso e Daquilo, Eixinho e Eixão. Caminhando ou seguindo de ônibus tinha a impressão de que os estranhamentos e as descobertas não teriam fim.

Uma dessas descobertas foi a Festa Junina do Clube Nipo, no Setor de Clubes Sul, na L4, também conhecida por Avenida das Nações, nome muito mais simpático que L4. O leitor ou a leitora talvez nem imagine o quão esquisito foi essa descoberta para mim, um recifense ainda não adaptado aos desafios do cerrado. As festas juninas em Brasília são diferentes. Num clube japonês, mais diferentes ainda.

Descobri que nas festas de São João por aqui, há filas para comprar fichas e outras para, com as fichas compradas, trocá-las por bebidas e comidas. E como descobri isso?

- Boa noite, senhora, por favor, duas canjicas.

- Boa noite, senhor. Por favor, as fichas.

-Hã?

-As fichas, senhor.

-Que fichas, senhora?

- São 10 reais as duas canjicas. Preciso das fichas.

-Mas eu só tenho dinheiro ou cheque.

-Não, senhor. O senhor precisa trocar o dinheiro por fichas, ali, naquela barraca.

Entendi, finalmente, que antes de pedir qualquer coisa, eu deveria realizar uma operação de câmbio. Fui resignado, e depois de meia hora na fila do câmbio, peguei as fichas.

Devolta à barracadas comidas de milho, reencontrei a mesma senhoranipônica, que olhou para mim como quem tem pena. Quando, enfim, chegou a minha vez, pedi triunfante:

- Por favor, senhora, duas canjicas. - Entreguei as fichas que ela tanto precisava. A jovem senhora sorriu como quem descobre a felicidade num simples pedido.

-Aqui estão, senhor. Suas canjicas.

-Oh, desculpe. A senhora se enganou, me trouxe munguzá.

- Não, senhor. São canjicas.

- Isso não é canjica, senhora. Isso é munguzá. Eu pedi canjica.

- Senhor, isso é canjica! Por favor, não tumultue. A fila está impaciente. - Percebi que a atendente estava ficando tão nervosa quanto eu.

- Eu não estou tumultuando. Eu só quero o que eu pedi.

- Mas o senhor pediu canjica. Aqui está.

- Mas isso, meu Deus, é munguzá! A senhora não conhece canjica?

- Quem não conhece é o senhor! - Disse a atendente já abandonando a urbanidade.

Uma alma caridosa interveio e me explicou que o que eu estava pedindo é chamado em Brasília de curau.

Esclarecido o mal-entendido, provei o curau como quem está diante de um prato exótico, de outras terras, que, curiosamente, parece um pouco com a canjica de Pernambuco.

José Paulo da Silva Costa Junior

*Professor de História nascido em Recife e
vivendo em Brasília desde 2004*



CRÔNICA: MINHA MEMÓRIA FOI PARA O BREJO

Tio Melquíades foi um mistério.

De onde veio aquele homem com seu corpanzilguiado por olhos azuis como por aqui não se via?

- Ele é irmão de Elvira.

- Não, meu irmão não.

Melquíades tornou-se meu tio porque casou-se com tia Luzia, irmã de papai. Conto, assim de supetão, uns dez ou mais filhos dessa união. Alguns de meus primos saíram com os olhos azuis como os do pai. Todos com sua estatura avantajada.

E essa fartura dos corpos espalhou-se pelas terras da fazenda do Brejo que o calado tio Melquíades transformou em um lugar espetacular.

De longe, podia-se avistar uma casa quase bonita. Por dentro, era toda assoalhada com largas tábuas de madeira. Espaçosa como convém a uma edificação para abrigar homem imponente tanto na aparência como naquilo que realizou.

A água nas moringas sobre a mesa da imensa cozinha quase que ainda me pode saciar a sede, tão fresca está em minha memória.

A vitrola, rara naquele tempo e naquele lugar, dizia do progresso que na fazenda do Brejo se manifestava.

A casa de despejo abrigava “tuias” de arroz, milho e feijão. Tudo do Brejo. Tudo farto. Tudo de bom.

Meus ouvidos de menino captaram e de minha cabeça nunca escapou o som repetido da roda d’água em sua incessante tarefa de moer, socar, triturar e transformar os alimentos. A água fria nos arrepiava a pele quando brincávamos perto da roda.

E o cheiro da cana transmutando-se em aromas de garapa, rapadura, açúcar ou cachaça? Estão aqui. Ainda posso senti-los todos.

Meus olhos curiosos de criança mostraram-me a riqueza de tudo o que tio Melquíades, aquele homem vindo não sei de onde, filho não sei de quem, fizera nas terras da fazenda do Brejo.

Às vezes, me foge da lembrança a rua por onde passei há uma semana, uma nova construção na cidade ou se um conhecido só anda sumido ou morreu.

Mas os campos cultivados, o vaivém sem fim dos muitos trabalhadores que faziam brotar do chão da fazenda do Brejo toda a riqueza sonhada por tio Melquíades, esta memória o tempo nunca me vai tirar.

Vacas não eram muitas, apenas aquelas necessárias para alimentar de leite, queijo e carne as tantas bocas que viviam naquele lugar encantado. E eu, de certa forma, também vivi ali. Fui alimentado pelas carnes de lata, pelo leite morno bebido ainda no curral, pelo queijo fresco, pelos biscoitos crocantes, e ainda sinto o doce de colher escorrendo em minha boca.

Pudesse, chamaria os muitos papagaios que dividiam conosco as laranjas e as limas do quintal para testemunharem sobre o seu sabor inigualável.

O rego d'água transportado aos poucos pelos braços fortes e pretos do gigante Zelão era misturado à terra boa e a saudáveis sementes. Assim, uma espetacular horta atraía os olhos, agradava o olfato e satisfazia o paladar mais exigente. Fome ali não se demorava.

Uma narrativa espalhada pelos adultos nas rodas de fogueira, nas fontes em que as mulheres quaravam roupas ou nas mercearias e bares que os homens frequentavam dava conta de que tio Melquíades tinha um diabinho preso numa garrafa. Explicava-se, assim, seu sucesso ímpar.

O menino que fui acreditou nessa lenda, pois parecia mesmo algo sobrenatural como lá no Brejo tudo fosse exagerado de bom.

Entretanto, o adulto que sou pode entender que não era tio Melquíades quem criava um diabinho. Este fora criado pela inveja da vizinhança para justificar sua própria carência em relação à tanta fartura. As emoções humanas dão vida a anjos e a demônios.

Tio Melquíades gostava de jogo. Roleta, se não me engano. Era a pé que vencía a distância entre a fazenda do Brejo e a cidade. A julgar por suas longas pernas a caminhada poderia não parecer tão difícil. Mas, carregar suas pesadas nádegas, deformadas por uma espécie de tumor, o que provavelmente o impedia de cavalgar, deveria ser penoso demais. O esforço tão frequente me faz pensar o quanto prazer a jogatina lhe proporcionava.

Quando hoje passamos pela estrada, na altura onde em minha meninice havia a fazenda do Brejo, mal podemos entrar em um consenso se a imponente casa ficava mais pra cá ou mais acolá.

O tempo levou tudo. Ou terá sido a garrafa com o diabinho que foi quebrada e com ela quebrou-se também o encanto do enigmático tio Melquíades? Ou foi na roleta que tudo rodou? Plantações, roda d'água, trabalhadores, casa de despejo, quase todos os meus primos, tia Luzia, a fumaça da casa de engenho, o pomar...nada mais habita este mundo.

Permanece o mistério de quem, ou mesmo o que foi tio Melquíades.

Ai de vocês que não conheceram tio Melquíades e a fabulosa fazenda do Brejo.

Ai de mim a quem me falta ser Machado, Guimarães ou Chico. Um belíssimo livro deixou de ser escrito.

Vanessa Aragão Alves Duarte Ruas

Vanessa Aragão nasceu em Paracatu/MG e mora em Brasília desde 1985. É pedagoga aposentada e gosta de conhecer e de contar histórias.



CRÔNICA: QUOTIDIANO

A sexta-feira não se prenunciava das melhores e nem era treze. A chuvinha intermitente, característica da Capital Federal, ocasionou engarrafamentos e pequenos arranhões nos veículos em demanda dos necessitados empregos.

Na banca, em frente ao Banco, detive-me para a compra do jornal que pressagiava o dia aziago: subiram o dólar, o preço da carne, a prestação da casa própria e os impostos. Não subiram: as "o-enes" do BB (devido aos escândalos políticos), o elevador da Torre (deixando doze pessoas presas por vinte minutos) e o real.

Pelo tempo perdido na compra do jornal e nos engarrafamentos ganhei a bronca do chefe, por atrasado que estava. Mas sou um cara de sorte: não assinei "ponto-com-atraso".

Dia horrível. Discussões com clientes, contas que não fecham, falta de troco, atendimento após a hora e, para finalizar, a inevitável diferença no fechamento do "caixa". Dei sorte: não foi das maiores. Levou-me apenas alguns dez litros de gasolina (preço de ontem).

Volta para casa. Pego a W-5 que está menos movimentada, no intuito de evitar novos aborrecimentos. Vou pensando nas coisas que têm acontecido ultimamente. Passeatas, manifestações populares, escândalos, violência, distúrbios, saques e sequestros, polícias e...BUUUM! Um tiro me atravessa a cabeça de orelha a orelha. Refaço-me e identifico o estampido como sendo o estouro de um dos pneus carecas do fusquinha.

Desço do carro e abro a mala. Ali estão o macaco e a chave-de-rodas. Levanto, desaperto, retiro, suo e apalpo o estepe. Vazio!

Mas sou um cara de sorte. Cinco minutos após passa o Elmiro, da Compensação, que também tem fusca e me empresta o seu pneu sobressalente.

- Devolvo amanhã!

- Tá legal!

Faço a troca e reinicio o percurso. Sinto calor e suo em gotas. Para amenizar, abro todos os vidros do carro e deixo que entre o vento seco do planalto central e saiam meus pensamentos ruins.

Paro no vermelho da 702 com a W-3. Pelo vidro aberto da porta do passageiro a mão ágil e gatuna penetra e me surrupia a capanga preme de documentos e de contas a pagar.

Abro minha porta com a lepidéz possível e empreendo a perseguição. Mais rápidas do que as mãos do pivete são suas pernas, habituadas a se

afastarem céleres do local do crime. A falta de preparo físico e o excesso de peso fazem-me desistir no primeiro quarteirão.

Retorno ao carro sob o som estridente das buzinas dos outros carros que estão parados atrás do meu, apressados pelo verde semafórico e pela neurose urbana. Ouço também a buzina do meu automóvel, pressionada pela mão da Lei, que me intimida:

- Documentos!!!

A Lei, austera, arrogante e irredutível, não aceita minhas alegações ("desculpa mais besta.") e determina, incontinenti, a apreensão do veículo que já é arrastado para cima do canteiro por mãos subservientes de colaboradores anônimos.

Mas sou um cara de sorte: não fui detido por andar sem meus documentos.

Passo a cumprir o resto do meu trajeto a pé. De repente um funesto pensamento me sobressalta: se está assim até agora, o que não me está reservado para o lar?

Meu Deus! Eles não! As crianças (são quatro) e a mulher. Já os vejo em poças de sangue e rios de lágrimas. Mutilados, violados, descarnados. Meu Deus!

Corro. Rezo. Escorrego pelas ruas molhadas, tropeço em raízes, esbarro em passantes. As lágrimas cegam-me. Corro mais. A desabalada carreira continua no prédio pois desprezo o lento elevador. Subo as escadas de três em quatro degraus.

Escancaro a porta.

Ali estão eles. Alegres, vivos! De sangue, só o corado das faces; de lágrimas, só as minhas, agora de alegria.

Pulam-me ao pescoço, beijam-me. "- Paizão! Velho! Amor!"

Desabo na "cadeira-do-papai" que ganhei no Dia dos Pais e que custou o dinheiro do "papai" aqui.

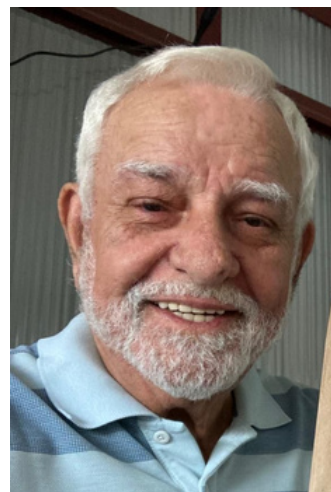
Logo sinto os pés aliviados do sapato apertado e o chinelo velho calçando-os.

Sinto o cafuné que acalma e o beijo amante, que assanha, no rosto suado.

Puxa! Sou mesmo um cara de sorte. Venci mais um dia.

José Maria Cunha Carneiro

*O dia a dia se repete apenas para as
pessoas que não têm sorte.*



CRÔNICA: SHOPPING

Com os preços vertiginosos que as mercadorias têm atingido a cada semana, as lojas dos shoppings estão ficando tão vazias quanto as contas bancárias dos consumidores. O próprio shopping, que um dia já foi um centro comercial movimentado, agora se transformou em um mero ponto de encontro, onde as pessoas se reúnem para observar as vitrines a certa distância, como quem contempla artefatos em um museu. Admirar os produtos expostos atrás das paredes de vidro também é reviver o passado, de certa forma. Melancólicos, os visitantes se lembram de uma época não tão distante, quando podiam voltar para casa com pelo menos uma sacola nas mãos.

Mas esses dias acabaram e os consumidores estão entrando em extinção. Lutando para se adaptar ao desequilíbrio no ecossistema, estão os únicos que ainda circulam pelas lojas: os funcionários. Angustiados pelo tédio, alguns simplesmente vagam sem rumo. Outros, mais esperançosos, ficam parados em frente às portas com as mãos para trás, observando o movimento minguaço nos corredores e torcendo para que algum passageiro se arrisque a entrar. Fazem isso na melhor das intenções, sem saber o quanto esse comportamento prejudica os negócios. Afinal, não existe nada que intimide mais um potencial comprador do que se deparar com uma fila de funcionários desocupados, prontos para persegui-lo como um enxame de abelhas assim que ele colocar um pé para dentro. A situação fica ainda mais desconfortável quando as lojas pagam comissão aos vendedores, obrigando-os a disputar os clientes como hienas se engalfinhando por carcaças.

No meio desse fogo cruzado, temos o pobre consumidor. Pobre em todos os sentidos da palavra, ocupando tanto o papel daquele desprovido de recursos como o de alguém digno de pena. Com alguns trocados no bolso, que conseguiu juntar depois de meses de trabalho, a humilde criatura vai ao shopping para se distrair no final de semana e, talvez, se o seu reduzido orçamento permitir, comprar uma camiseta.

Com medo de olhar diretamente para algum vendedor e acabar criando nele falsas expectativas de fechar uma boa venda, o consumidor, aqui apelidado de Sujeito, anda pelos corredores fingindo naturalidade. Lança olhares discretos para as vitrines aqui e ali, na esperança de vislumbrar as etiquetas de preço. Não está com sorte. As poucas lojas que ainda revelam o valor dos produtos na vitrine espremem os números em uma etiqueta tão pequena que Sujeito é forçado a chegar bem perto do vidro para enxergar, momento em que cai na armadilha de demonstrar interesse e é capturado pelo vendedor.

— Posso ajudar? — o homem brota de trás de uma pilastra.

Ligeiramente assustado, Sujeito se amaldiçoa pelo próprio descuido. Agora já não pode mais se poupar da humilhação de entrar na loja e perguntar o preço de uma camiseta qualquer, só para ter que sair logo em seguida, deixando evidente para todos a sua falta de recursos.

— Está procurando alguma coisa específica? — o vendedor insiste, olhando-o de cima a baixo para avaliar quanto dinheiro pode arrancar do seu bolso.

O homem não parece impressionado com o que vê, mas ultimamente aprendeu que de cavalo dado não se olham os dentes.

— Não, obrigado. Só estou dando uma olhada.

— Sujeito mente, aproximando-se de uma arara de camisetas e fingindo observar alguns modelos, na esperança de afastar o vendedor.

— Fique à vontade. — o homem diz, como se isso fosse possível.

Está parado a três passos de Sujeito, observando-o sem piscar. Tentando ignorá-lo, Sujeito passa a mão pelo tecido das camisetas como se avaliasse a qualidade do material, mas na verdade está procurando as malditas etiquetas. Logo descobre que foram empurradas para dentro das golas e que não vai poder espiá-las sem chamar a atenção do vendedor. Anda mais um pouco pela loja, mas não consegue despistá-lo. Sujeito já não sabe se o atendente está por perto para oferecer ajuda ou porque tem medo de que ele tente roubar alguma peça.

— Esses são os modelos novos. De muito bom gosto — o funcionário comenta quando Sujeito passa por uma camiseta azul. — Gostaria de provar? Sujeito não ouviu mais nada depois de “modelos novos”. Ele pode não saber o preço das camisetas, mas sabe muito bem que novo é sinônimo de caro.

— Você não teria nada mais básico? — diz, rendido.

Espera que o vendedor se apiede da sua situação e entenda que básico é eufemismo para barato. Mas o homem só entende que vai ficar sem comissão. Fecha a cara e decide se vingar com a pergunta fatal:

— Qual seria a faixa de preço?

Sujeito tem uma vontade súbita de ser atingido por um meteoro só para não ter que responder, mas, pressionado pelo olhar implacável do outro, murmura o valor que traz na carteira. O homem fica pensativo e, Sujeito, pálido. Está pronto para ir embora quando o vendedor sugere:

— Nossas meias estão na promoção...

Alice Freitas Castro

Alice é formada em Publicidade, estudante de Letras e autora do blog Biblosfera e do e-book Histórias de Isolamento.



CRÔNICA: SONHO DE ESTABILIDADE

Eu ansiava uma boa possibilidade. Já havia passado dos 60 anos, com as minhas manias e estava cansado de saltar de galho em galho! Eu tinha pré-requisitos e buscava tranquilidade, algo definitivo. Deveria ser assertivo na escolha.

Eu a encontrei na internet. Online observei calmamente as fotos: a beleza, as curvas, os excessos. Sua altura e porte me atraíram. Talvez fosse meio grande para mim!

Como fiquei curioso e encantado, não consegui avaliar os possíveis problemas. Além das aparências, eu sei que o importante “está por dentro” e ansiava pela oportunidade de vê-la pessoalmente e quem sabe, teria acesso ao seu interior.

Perdi o interesse pelas outras e asseguro que eram muitas. Eu descobri o seu endereço e por algum tempo fiquei observando. Passava em frente ao seu portão e espreitava. Estaria tangenciando a loucura? Tratei de ser mais maduro e marquei um encontro. Sim! Era genuína minha vontade de mudar.

O primeiro contato foi protocolar, tinha muita gente por perto. Em tempos de pandemia, todos com máscara e nem apertávamos as mãos. Ninguém queria muita conversa. Contudo, o clima foi cordial e a porta ficou aberta para outro encontro.

Nas fotos eu a via mais nova, talvez era o ângulo ou *photoshop*! Pessoalmente a percebi tradicional e austera! Confiei que o perfil combinava comigo, afinal eu não sou moderninho. Percebi que a idade não era seu forte; o tempo cobra seu preço! Sendo médico e otimista, entendo que o importante é manter-se bem ao longo dos anos. Certamente sem simpatia e convergência não passaríamos do primeiro contato! Esta mudança deveria se encaixar em minha rotina que tem muitas pessoas, histórias e memórias, e ainda acolher meus filhos, netos e as paixões que já faziam parte da minha vida. Alcançar esta amálgama não seria simples. Eu transitava entre a perfeição desejada e a realidade possível.

Suportava com preguiça o joguinho característico da situação: “Tenho interesse” ou “não me interessa mais”! Quais as chances de dar certo? Pensei até que estaria muito velho para dar este passo novamente. Não queria o mar problemas aos existentes, contudo eu nutria fantasias de um futuro em harmonia.

Essa aproximação durou quase um ano, em alguns momentos achei que seria um erro, mas logo surgia um sinal verde que me encorajava a seguir. Eu queria mais certezas e, como um detetive implacável investiguei, o seu passado. Cheguei até a conversar com alguns vizinhos.

Consegui informações vagas, meias verdades e fofocas. Nada que a desabonasse totalmente. Acabei sendo condescendente, pois eu também reservo minhas verdades. Aceitei que existiriam surpresas. Confiava que, se a situação evoluísse, eu as descobriria.

As marcas do passado não se escondem por muito tempo e, somente depois de assinar os papéis e com o convívio, a verdade veio à tona em sua plenitude. Comecei a descobrir os detalhes sórdidos.

Engraçado lembrar da primeira noite em que dormi sob o seu teto: tudo estava meio fora de lugar, não tinha luz no quarto e nem cortina nas janelas. Um tanto inquieto, despertei às 5 da manhã com a cachorrada da vizinhança latindo. Depois, em sinfonia, vieram os pássaros e as maritacas. Encostado na janela de madeira estilo colonial, contemplava o céu colorido com a luz fria da alvorada... eu me sentia fora de lugar e avaliava se alcançaria a harmonia e tranquilidade esperada!

No começo ela fazia barulhos estranhos e repentinos, sem falar nos cheiros que eu não havia percebido antes! Os inconvenientes “do pacote” se derramavam sobre mim. Até pensei em voltar atrás, mas seria difícil e desgastante. Então, assumi a nova fase: com paciência eu iria modificá-la, dentro do possível. Comecei a lista.

Mostrou-se urgente refazer a parte elétrica, aumentar o número de tomadas, recolocar os revestimentos de piso que estavam soltando, a caixa d'água roncava e a caixa de gordura borbulhava podridão. Precisava de armários novos e de construir a área de lazer, no mínimo. O quintal era um matagal infestado de formigas cabeçudas! Hilário é lembrar que inicialmente o objetivo era só parar de pular de galho em galho.

Atualmente o quintal está limpo, cheio árvores frutíferas, e se enche de sol, de lua e de estrelas. Construí a área gourmet, piscina, edícula e uma pérgola onde plantei jades vermelhas e azuis. Tem espaço para tudo e todos e ainda um terraço de onde vejo o Lago e os fogos de ano novo na Esplanada. Ficarei nesta casa até o fim dos meus dias, cultivando orquídeas e samambaias raras, alimentando pássaros livres, brincando com os micos e aguentando as visitas frequentes dos saruês, mas recebendo aqueles que amo com alegria.

Aceitei com resignação as sancas da sala: curvas e demodê. Já não escuto a cachorrada, arrumo coisas todos os dias e ainda sigo com a minha cruzada corajosa contra as formigas cabeçudas. Vou vencer!

Dr. Francisco Humberto de Freitas Azevedo

*Médico, Nutrólogo, Geriatra, Homeopata
Com 50 anos de atividade clínica. Referência em
Eletromedicina no Brasil, Palestrante.
Autor de três livros na área de medicina:
Peroxido de hidrogênio.
Como viver mais e melhor com Secretagogos;
Nutrologia contra o câncer: Uma doença metabólica.*



As quatro vencedoras

1° LUGAR: CRÔNICA "SHOPPING"

2° LUGAR: CRÔNICA "MINHA MEMÓRIA FOI PRO BREJO"

3° LUGAR: CRÔNICA "CONVERSA COM JK E DONA SARAH"

4° LUGAR: CRÔNICA "FESTA JUNINA DO CLUBE NIPO"



TROFÉU MULHER 2023



A AIC- Academia Internacional de Cultura, no dia 17 de março de 2023, fez a outorga do TROFEU MULHER 2023 para 8 mulheres inspiradoras em suas áreas de atuação. O evento aconteceu na Casa da Argélia no Lago Sul, Brasília.

Foram homenageadas Ana Beatriz Bezerra (Neurocientista), Andréia Salles (Jornalista e Escritora), Cláudia Godoy (Fotojornalista), Dinah Opoczynsky (Adida cultural da Embaixada da Bélgica), Doutora Jane (Delegada e Deputada Distrital), Jane Marrocos (Curadora de Arte e Cultura) e a Embaixatriz da Argélia Saida Bladehane.

Shirley Pontes, Presidente da AIC, fez uma preleção sobre a Argélia: sua história, encantos, moda, cultura e potencialidades. Seguiu-se a fala de Conselheira da Argélia que ressaltou o importante papel das heroínas que lutaram pela independência do país que aconteceu em 1962.



Deputada Distrital

Drª Jane

Primeira graduação em enfermagem, e depois Direito. Foi Policial Civil de carreira. Servidora pública por mais de 40 anos. Delegada por 15 anos, trabalhou em várias delegacias. Destacou-se pelo trabalho em defesa das mulheres e da segurança pública com mais eficiência. Foi Chefe da controladoria da Codeplan, Chefe da Procuradoria da FAP-DF, Secretária de Estado de Políticas públicas para crianças e adolescentes do DF. Foi também Administradora de Sobradinho, Sobradinho II e Fercal. Em 2022 foi eleita Deputada Distrital eleita com 19.006 votos.

Luciana Santos

É Cuiabana de nascimento e Brasiliense de coração. Bacharel em direito, encontrou no ramo de vendas sua maior paixão. Empresária há 23 anos em Brasília. Presidente do Clube Soroptimista Brasília Norte Sul. Este trabalho voluntário consiste em apoiar jovens e mulheres em situação de risco, capacitando-as para que se fortaleçam e se tornem microempreendedoras.





Andreia Salles

Jornalista atua há mais de vinte anos em Brasília, nas áreas de Comunicação Corporativa e Public Affairs. Foi apontada como um dos 350 profissionais de RP mais influentes do mundo, pela revista PRWeek, no catálogo Global Power Book, por dois anos consecutivos. Recebeu as indicações de Top MegaBrasil de Comunicação, como “Mais Admirados do Centro-Oeste”, por três anos.

Escreveu a saga “A Gôndola Vermelha” lançada em julho de 2020 foi seu romance de estreia. A trama se passa em Veneza, no século XVII. O texto harmoniza pesquisa histórica cuidadosa sobre cenários e hábitos da poderosa Sereníssima República de Veneza. Em 2021 lançou: A Herança de Lucca, em 2022 lançou a Corte de Nápoles. Tem previsão de lançar o quarto livro da saga em final de 2023.

Claudia Godoy

Jornalista, com especialização em Economia e Relações Internacionais. Trabalhou em agências de notícias, como Xinhua, da China, na Rádio Nacional e TV Nacional, além da RBS e Telesur, da Venezuela. Fotógrafa. Criadora do site Bacuri Brasil. Como fotojornalista, organiza exposições sobre cultura e turismo. Os últimos trabalhos foram sobre “Arquitetura barroca na Bolívia” (2018) e “Budapeste, um Olhar Brasileiro” em setembro de 2022.





Saida Bladehane

Argelina, casada, 4 filhos Fala Árabe, Francês, Inglês, Espanhol e Português. Foi professora de Inglês. Esteve em missão diplomática em Kuala Lumpur, Venezuela, e Brasil. Tem formação em Estética e emagrecimento, na Espanha e criou a primeira Clínica de Estética, beleza e emagrecimento da Argélia. Foi Presidente da Associação de cônjuges de Diplomatas na Venezuela. Está em missão no Brasil desde 2021.

Dinah Opoczynsky

Nascida em Bruxelas, administradora, Trabalhou como executiva em grandes empresas. Há 12 anos mudou-se para o Brasil e se estabeleceu em Goiânia. Inicialmente dedicou-se ao ensino de francês e aprendeu o português com perfeição. Ao longo de sua atividade profissional desenvolveu muitos projetos culturais parcerias com embaixadas francófonas. Foi homenageada na Câmara dos Deputados em reconhecimento do trabalho cultural e de utilidade pública realizado. Em 2020, se mudou-se para Brasília e assumiu a Função de Adida Cultural, Imprensa e Comunicação da Embaixada do Reino da Bélgica. É atualmente Vice-presidente da Eunic Brasília (European National Space of Culture).





Dra. Ana Beatriz Costa Bezerra

Psicologia clínica, especialização Gerontologia, com pesquisa em neurociência, Mestrado em Ciências médicas, foi Professora universitária. Dedica-se a área de reabilitação cognitiva há 23. Em Brasília fundou a clínica Estímulos onde promove o aprimoramento da performance cognitiva de adultos e idosos. Oferece também reabilitação cognitiva para adultos que desejam melhorar seu desempenho, principalmente pós-covid, idosos com ou sem demências, aceleração da recuperação de AVC e outros prejuízos da idade. Tem doutoramento em Neurociências, na UnB.

Jane Marrocos

Brasiliense, Bacharel em Direito, iniciou sua carreira de Servidora Pública na área de Serviço Social. Trabalhou também no Banco Central, Rede Sarah, Detran, e Presidiu o Clube do Servidor onde se dedicou a área Cultural. É Servidora da Câmara Legislativa do DF há mais de 20 anos onde foi gestora nas áreas: Diretora Legislativa, Secretaria da Comissão de Constituição e Justiça, Secretaria Executiva na Gestão de Pessoas, Chefe de Gabinete na Administração e Finanças e Diretora da Escola do Legislativo. Há 6 anos preside o Conselho Curador de Cultura, na Câmara Legislativa do Distrito Federal.





O embaixador da Argélia Rachid Bladehane agradeceu a presença dos embaixadores e ilustres convidados e em clima de celebração o jantar foi servido com mais de 10 pratos típicos da Argélia, que encantou a todos.



